

SOBRE «DEMOCRACIA E DITADURA»

**Vladimir Ilitch Lénine
1918**

23 Dezembro 1918

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t4, pp 128-132
Traduzido das Obras Completas de V.I. Lénine
5ªEd. russo t.37, pp. 388-395

Os poucos números do *Bandeira Vermelha* de Berlim e do *Apelo (Weckruf)*¹ de Viena, órgão do partido comunista da Áustria alemã, que chegaram a Moscovo mostram-nos que os traidores ao socialismo que apoiavam a guerra dos abutres imperialistas, todos esses Scheidemann e Ebert, Austerlitz e Renner, recebem a merecida resposta dos verdadeiros representantes dos proletários revolucionários da Alemanha e da Áustria. Saudamos calorosamente ambos os órgãos, que assinalam a vitalidade e o crescimento da III Internacional².

Hoje a principal questão da revolução, tanto na Alemanha como na Áustria, parece ser esta: Assembleia Constituinte ou poder dos soviets? Os representantes da falida II Internacional, todos desde Scheidemann até Kautsky, são partidários da primeira e chamam ao seu ponto de vista defesa da «democracia» (Kautsky foi mesmo ao ponto de falar de «democracia pura»), por oposição a ditadura. Na minha brochura *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky* que acaba de ser publicada em Moscovo e Petrogrado, fiz uma análise pormenorizada das opiniões de Kautsky. Tentarei expor abreviadamente a essência da questão controversa, que agora está praticamente na ordem do dia para todos os países capitalistas avançados.

Os Scheidemann e os Kautsky falam de «democracia pura» ou de «democracia» em geral para enganar as massas e ocultar-lhes o carácter **burguês** da democracia **contemporânea**. Que a burguesia continue a conservar nas suas mãos todo o aparelho do poder de Estado, que um punhado de exploradores continue a utilizar a anterior máquina de Estado burguesa! A burguesia, compreensivelmente, gosta de designar as eleições realizadas em tais condições como livres, «iguais», «democráticas», «universais», pois essas palavras servem para dissimular a verdade, para dissimular o facto de que a propriedade dos meios de produção e o poder político continuam nas mãos dos exploradores, de que por isso não se pode falar de liberdade real, de igualdade real para os explorados, isto é, para a imensa maioria da população. Para a burguesia é vantajoso e necessário ocultar ao povo o carácter **burguês** da democracia contemporânea, apresentá-la como democracia em geral ou «democracia pura», e os Scheidemann, tal como os Kautsky, ao repeti-lo, abandonam **de facto** o ponto de vista do proletariado e passam para o lado da burguesia.

Marx e Engels, quando escreveram pela última vez juntos o prefácio ao *Manifesto Comunista* (isso foi em 1872), consideraram necessário chamar especialmente a atenção dos operários para o facto de que o proletariado não pode simplesmente tomar a máquina de Estado já pronta (isto é, burguesa) e pô-la a funcionar para os seus objectivos, que ele deve quebrá-la, destruí-la. O renegado Kautsky escreveu toda uma brochura sobre *A Ditadura do Proletariado*, ocultando aos operários essa importantíssima verdade marxista, deturpando completamente o marxismo, e compreende-se que os elogios que os senhores Scheidemann e C^a prodigalizaram a essa brochura eram inteiramente merecidos, como elogios dos agentes da burguesia a alguém que passa para o lado da burguesia.

1 Der Weckruf (O Apelo): jornal, órgão central do Partido Comunista da Áustria, publica-se desde Novembro de 1918; mudou repetidas vezes de nome, publicando-se desde 1957 como nome de Volksstimm (Voz do Povo).

2 III Internacional (Internacional Comunista): organização proletária revolucionária internacional, que constituía uma união de partidos comunistas dos diferentes países; existiu de 1919 até 1943. A criação da III Internacional tornou-se uma necessidade histórica depois da cisão do movimento operário, causada pela traição dos dirigentes oportunistas da II Internacional à causa do socialismo no princípio da Primeira Guerra Mundial e pela falência da II Internacional. Lênine desempenhou um papel destacado na criação da Internacional Comunista. O I Congresso da Internacional Comunista teve lugar de 2 a 6 de Março de 1919, em Moscovo. O congresso aprovou um manifesto aos proletários de todo o mundo, no qual se indicava que a Internacional Comunista era a herdeira das ideias de Marx e Engels, expressas no Manifesto do Partido Comunista. A Internacional Comunista restabeleceu e fortaleceu as ligações entre os trabalhadores de todos os países, contribuiu para o desmascaramento do oportunismo no movimento operário internacional, o reforço dos jovens partidos comunistas, a elaboração da estratégia e da tática do movimento comunista internacional. Em Maio de 1943, o Comité Executivo da Internacional, partindo do facto de que essa forma organizativa de unificação dos operários, que correspondia às necessidades de uma etapa histórica passada, se tornara obsoleta, tomou a decisão de dissolver a Internacional Comunista.

Falar de democracia pura, de democracia em geral, de igualdade, de liberdade, de direitos gerais, quando os operários e todos os trabalhadores estão famintos, têm falta de roupa, estão arruinados, extenuados não apenas pela escravidão assalariada capitalista mas também por uma guerra de pilhagem de quatro anos, enquanto os capitalistas e especuladores continuam a deter a sua propriedade» roubada e o aparelho do poder de Estado «já pronto», é troçar dos trabalhadores e dos explorados. Isso é espezinhar as verdades fundamentais do marxismo, que ensinou aos operários: deveis utilizar a democracia burguesa como um enorme progresso histórico em comparação com o feudalismo, mas não esqueçais nem por um instante o carácter burguês dessa democracia», o seu carácter historicamente relativo e limitado, não partilheis a «fé supersticiosa» no «Estado», não esqueçais que o Estado, mesmo na república mais democrática, e não apenas na monarquia, não é outra coisa senão uma máquina para a opressão de uma classe por uma outra.

A burguesia é obrigada a ser hipócrita e a chamar «poder de povo», ou democracia em geral, ou democracia pura, à república democrática (**burguesa**), que constitui de facto uma ditadura da burguesia, uma ditadura dos exploradores sobre as massas trabalhadoras. Os Scheidemann e os Kautsky, os Austerlitz e os Renner (agora ajudados, infelizmente, por Friedrich Adler) apoiam essa mentira e essa hipocrisia. E os marxistas, os comunistas, desmascaram-na e dizem aos operários e às massas trabalhadoras a verdade pura e simples: a república democrática, a assembleia constituinte, o sufrágio universal, etc., são de facto a ditadura da burguesia, e para libertar o trabalho do jugo do capital não há outro caminho senão a substituição dessa ditadura pela **ditadura do proletariado**. Só a ditadura do proletariado pode libertar a humanidade do jugo do capital, da mentira, da falsidade, da hipocrisia da democracia burguesa, democracia **para os ricos**, pode instaurar a democracia **para os pobres**, ou seja, tornar os benefícios da democracia **realmente** acessíveis aos operários e aos camponeses pobres, enquanto agora (mesmo na república – **burguesa** - mais democrática) esses benefícios da democracia são **realmente** inacessíveis à imensa maioria dos trabalhadores.

Consideremos, por exemplo, a liberdade de reunião e a liberdade de imprensa. Os Scheidemann e os Kautsky, os Austerlitz e os Renner asseveram aos operários que as actuais eleições para a Assembleia Constituinte na Alemanha e na Áustria decorrem «democraticamente». Isso é mentira, pois **de facto** os capitalistas, os exploradores, os latifundiários e os especuladores detêm nas suas mãos 9/10 dos melhores edifícios aptos para reuniões e 9/10 das reservas de papel, das tipografias, etc. O operário na cidade, o assalariado agrícola e o jornaleiro no campo estão **de facto** afastados da democracia tanto por esse «sagrado direito de propriedade» (defendido pelos senhores Kautsky e Renner, aos quais se juntou, infelizmente, Friedrich Adler) como pelo aparelho burguês do poder de Estado, ou seja, pelos funcionários burgueses, pelos juizes burgueses, etc. A actual «liberdade de reunião e de imprensa» na república «democrática» (democrática burguesa) alemã é uma mentira e uma hipocrisia, pois **de facto** é a **liberdade para os ricos** de comprar e corromper a imprensa, a **liberdade dos ricos** de intoxicar o povo com a mentira burguesa dos jornais, a **liberdade dos ricos** de manter como sua «propriedade» as casas senhoriais, os melhores edifícios, etc. A ditadura do proletariado **retirárá** aos capitalistas, em proveito dos trabalhadores, as casas senhoriais, os melhores edifícios, as tipografias, os depósitos de papel.

Isso será a substituição de democracia «de todo o povo», «pura», pela «ditadura de uma classe» bradam os Scheidemann e os Kautsky, os Austerlitz e os Renner (juntamente com os seus correligionários estrangeiros, os Gompers, Henderson, Renaudel, Vandervelde e C^a).

É falso, respondemos nós. Isso será a substituição da ditadura efectiva da burguesia (ditadura hipocritamente encoberta pelas formas da república democrática burguesa) pela ditadura do proletariado. Será a substituição da democracia para os ricos pela democracia para os pobres. Será a substituição da liberdade de reunião e de imprensa para a minoria, para os exploradores, pela liberdade de reunião e de imprensa para a **maioria** da população, para os trabalhadores. Será um

alargamento gigantesco, de dimensão histórica mundial, da democracia, a sua transformação de mentira em verdade, a libertação da humanidade das grilhetas do capital, que **deturpa** e mutila toda a democracia **burguesa**, mesmo a mais «democrática» e republicana. Será a substituição do Estado burguês pelo Estado **proletário**, substituição que é o único caminho para a extinção do Estado em geral.

Mas por que é que não é possível alcançar esse objectivo sem a ditadura de uma classe? por que razão não é possível passar directamente à democracia «pura»?- perguntam os amigos hipócritas da burguesia ou os ingénuos pequenos burgueses e filisteus por ela logrados.

Nós respondemos: porque em qualquer sociedade capitalista a importância decisiva pode caber ou à burguesia ou ao proletariado, enquanto os pequenos patrões permanecem inevitavelmente vacilantes, impotentes, sonhando estupidamente com a democracia «pura», isto é, fora das classes ou acima das classes. Porque não se pode sair de uma sociedade em que uma classe oprime outra senão através da ditadura da classe oprimida. Porque só o proletariado é capaz de vencer a burguesia, de derrubá-la, pois é a única classe que foi unida e «educada» pelo capitalismo e que é capaz de arrastar atrás de si a massa vacilante dos trabalhadores que vivem como pequenos burgueses, de arrastá-la atrás de si ou pelo menos de «neutralizá-la». Porque melífluos pequenos burgueses e filisteus podem sonhar, enganando-se a si próprios e aos operários com esses sonhos, com o derrubamento do jugo do capital sem uma longa e difícil **repressão da resistência** dos exploradores. Na Alemanha e na Áustria essa resistência ainda não se desenvolveu abertamente, pois por enquanto ainda não começou a expropriação dos expropriadores. Essa resistência será desesperada, furiosa, quando começar essa expropriação. Ocultando isso a si próprios e aos operários, os Scheidemann e os Kautsky, os Austerlitz e os Renner, traem os interesses do proletariado, passam, no momento mais decisivo, da posição da luta de classes e de derrubamento do jugo da burguesia para as posições do entendimento do proletariado com a burguesia, para a posição da «paz social» ou da conciliação dos exploradores com os explorados.

As revoluções são as locomotivas da história, dizia Marx³. As revoluções ensinam depressa. Os operários das cidades, os assalariados agrícolas dos campos da Alemanha e da Áustria depressa compreenderão a traição à causa do socialismo por parte dos Scheidemann e dos Kautsky, dos Austerlitz e dos Renner. O proletariado repelirá esses «sociais-traidores», socialistas em palavras, traidores ao socialismo de facto, tal como na Rússia repeliu os mesmos pequenos burgueses e filisteus, os mencheviques e os «socialistas-revolucionários». O proletariado verá - tanto mais depressa quanto mais completa for a dominação dos referidos «chefes - que só a substituição do Estado burguês, seja ele a república burguesa mais democrática, por um Estado do tipo da Comuna de Paris (do qual tanto falou Marx, deturpado e traído pelos Scheidemann e pelos Kautsky) ou por um Estado do tipo dos soviets é capaz de abrir o caminho para o socialismo. A ditadura do proletariado libertará a humanidade do jugo do capital e das guerras.

3 Ver K. Marx, *A Luta de Classes em França de 1848 a 1850*. In K. Marx/F. Engels, *Obras Escolhidas*, t. I, p. 285